

Aulas co-educativas: o que mudou no ensino da Educação Física¹

Claudete Cembranel²

Resumo Abstract

O objetivo do presente estudo foi investigar como vem sendo trabalhada a questão do gênero nas aulas de Educação Física, em turmas de quintas séries, da rede Pública Municipal de Florianópolis.

Através deste estudo pode-se perceber, pela fala das entrevistadas³, a importância dada às aulas co-educativas, as dificuldades que sentem em ministrá-las, a aceitação dos alunos perante estas aulas e a relação afetiva menino/menina nas aulas co-educativas. Mas, apesar disso, pode-se perceber pela fala

The objective of the present study was to investigate how the matter of gender has been worked in physical education classes from the fifth grade of the public schools at Florianópolis (Santa Catarina – Brazil). Through the speeches of the people who were interviewed during the study, it is possible to notice the importance given to co-educational classes, the difficulties the teachers feel to teach them, the acceptance and the affectionate relation between boys and girls during these classes. But it is also possible to notice that the teachers

¹ Este trabalho é fruto de uma pesquisa, a qual constitui-se na monografia de conclusão do curso de Educação Física (UFSC), sob a orientação da professora Albertina Bonetti.

² Formanda do curso de licenciatura em Educação Física da UFSC.

³ Os colégios que participaram da pesquisa tinham no seu quadro de funcionários somente professoras que trabalhavam com as aulas de Educação Física.

das entrevistadas que as mesmas estão longe de chegar a ministrar aulas co-educativas, o que elas ministram são aulas mistas. As aulas co-educativas, vão mais além do que a simples junção de meninos e meninas na mesma atividade. Estas objetivam que os alunos possam trabalhar com as mesmas possibilidades e oportunidades, vivenciando suas diferenças e semelhanças.

are very far from teaching real co-educational classes. What they teach are mixed classes. The co-educational classes go farther than the simple union of boys and girls doing the same activity. Their objective is to give the students the possibility to work with the same possibilities and opportunities, with their differences and similarities, giving them the opportunity to discuss together the concepts built by culture.

Introdução

A intenção deste estudo proposto surgiu quando recordava as aulas de Educação Física que tive na quinta série do ensino fundamental em 1981, onde o professor separava as meninas dos meninos. As meninas jogavam voleibol e os meninos futebol. Isso “sempre foi assim” e ainda continua sendo. Este professor dizia, na sua ignorância profissional e em virtude da leitura de mundo acrítica e, também, da compreensão que possuía da Educação Física escolar e do seu papel enquanto educador, que o futebol era coisa para meninos e que só eles entendiam de bola. As meninas, no entanto, recebiam

menos atenção por serem consideradas “*mais fracas*” e, por não apresentarem tantas habilidades quanto os meninos.

Sendo assim, perguntava-me, de forma curiosa, se esse procedimento era bom para um melhor aprendizado do conteúdo, da metodologia, da concepção pedagógica, enfim, daquilo que poderia nos preparar melhor para a vida social ou para sua prática.

A partir dessas experiências é que me propus a investigar as mudanças que poderiam estar ocorrendo no ensino da Educação Física com aulas co-educativas e que podem ser consideradas, uma forma alternativa de se trabalhar a questão do gênero nas escolas da

rede Pública Municipal de Florianópolis. Em vista disso, o objetivo que norteia esta pesquisa é o de investigar como vem sendo desenvolvida a questão do gênero nas aulas de Educação Física, em quintas séries da rede Pública Municipal de Florianópolis, tendo como objetivos específicos o de investigar a concepção de aulas co-educativas, a importância desta para uma mudança no processo pedagógico e, também, observar a aceitação dos alunos em relação as aulas co-educativas.

Existem muitas discussões em relação à questão do gênero. No entanto, quando se trata de aulas co-educativas, nas quintas séries, as discussões são poucas em relação as bibliografias existentes, uma vez que há bem pouco tempo as escolas trabalhavam de 5ª a 8ª séries com meninos e meninas em separado.

O fato da Educação Física enfatizar nas escolas, tradicionalmente, o trabalho com o desporto competitivo, vem reforçar a citada separação entre meninos e meninas, o que pode se constituir numa ameaça aos propósitos da educação.

Estas ameaças podem ser de caráter afetivo e social. Social porque os estereótipos masculinos

e femininos podem se evidenciar mais pela diferenciação que está sendo feita entre os sexos. Afetivo porque a relação, a troca de experiências que poderia acontecer entre meninos e meninas nestas aulas, também, está sendo deixada de lado pois, quando se dá ênfase ao rendimento e à competição, pode-se dificultar a troca de experiências entre eles.

A primeira grande dificuldade encontrada foi a compreensão do que seria gênero. Alguns estudos mostram que o termo “gênero” tem como significado a relação entre homens e mulheres que é construído a partir de elementos sócio culturais. Sendo assim, “o gênero está ligado a sua construção social como sujeito masculino ou feminino, tendo a escola um papel fundamental na produção dessas identidades” (Louro in FRAGA, 1997, p.108).

Relações de gênero e poder na sociedade

A educação na ótica do gênero explicita novas dimensões do processo educativo, desde as vivências do cotidiano até as formas mais elaboradas da construção do conhecimento. Faz-se necessário

entender que a concepção de gênero envolve dimensões relacionadas aos homens e as mulheres, enfatizando os mecanismos e as instituições culturais e sociais que estão envolvidas com esta construção.

Para Saffioti apud SOUSA (1997)

A construção de gênero pode, pois, ser compreendida como um processo infinito de modelagem-conquista dos seres humanos que tem lugar na trama das relações entre mulheres, entre homens e entre homens e mulheres. Também as classes sociais se formam nas e através das relações sociais [...] (p.28)

Com o desenvolvimento da sociedade industrial, o sistema capitalista pôde ser evidenciado tanto no campo produtivo, como no esportivo, aproveitando-se das desvantagens sociais, como o direito ao trabalho fora de seus lares, desigualdade de remuneração entre outras, de que gozavam as mulheres pois, os processos de diferenciação parecem estar diretamente ligados às relações de poder/dominação do masculino sobre o feminino. Estas diferenças geralmente estão associadas historicamente em relação às normas exigidas pela sociedade.

Desde muito cedo os meninos e as meninas aprendem a criar e imitar papéis socialmente atribuídos com as características dos seus respectivos gêneros. Constróem-se e crescem através de práticas sociais exclusivamente masculinizantes ou feminizantes de acordo com as diversas concepções de sociedade baseados no jogo diferença/identidade.

Por outro lado, SCOTT (1995) diz que o termo “gênero” também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos não implicando relações biológicas. E ainda diz que o uso desse termo “ênfatiza todo um sistema de relações que pode incluir sexo, mas não é diretamente determinado por ele, nem determina diretamente a sexualidade” (p.76), ou seja, é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e mais, uma forma primária de dar significado as relações de poder.

Assim, a fundamentação tradicional acerca das diferenças biológicas, psicológicas e sociais entre homens e mulheres pode ser justificada por uma situação de ordem político-econômica injusta que prevalece principalmente nos países capitalistas. aproveitando-se

da discriminação da mulher para atribuir a sua força de trabalho um valor inferiorizado ao do homem.

O conceito de gênero, além de ser uma compreensão de construções históricas e sociais em torno do sexo masculino e do feminino enfatiza os mecanismos e as instituições culturais e sociais que estão envolvidas com esta construção.

A idéia que se faz do feminino é um corpo frágil, um ser dócil dotado de todos os cuidados possíveis, o modelo de mulher, mãe, dona-de-casa e esposa. Tais idéias nos podem parecer arcaicas, para uma reflexão que busca na educação de hoje a transformação dessas imagens, com vistas a uma transformação social.

A desigualdade, no entanto, não é uma condição necessária das sociedades, mas sim, um produto da cultura passível de mudanças significativas em lugares diferentes e em determinado tempo. Isto permite que nos questionemos impedindo a negação do sexo feminino nas discussões do cotidiano. As mulheres, muitas vezes se colocam na postura de vítimas, de que são coitadinhas, de que são consideradas do lar e ainda trabalham fora. Neste sentido, creio

que as mulheres devem impor-se como mulheres e não tentar ser homens

De uma forma objetiva ou subjetiva os movimentos feministas ainda enfrentam discriminação e opressões de toda ordem, até mesmo por atitudes aparentemente democráticas. É possível identificar tal fato em censuras e desigualdades de oportunidades, principalmente, quando se dá ênfase a competições definidas previamente, competições no sentido de mercado de trabalho, remuneração, oportunidades, enfim.

Dessa maneira, no âmbito escolar, as ações pedagógicas propostas, principalmente, para a Educação Física quando as aulas são co-educativas e/ou mistas envolvem toda uma construção em relação à questão de gênero e corpo. Essa construção feita pela sociedade, incluindo aí a escola, pode levar a reforçar os valores e promover ainda mais as diferenças, hierarquizando meninos e meninas desde muito cedo, legitimando no contexto social e cultural os valores dominantes e conseqüentemente a produtividade relacionada ao masculino. Nesse sentido, não só a escola mas também a igreja, a justiça, a ciência e a mídia

perpetuam esses valores dominantes estabelecendo reafirmando os valores de toda uma tradição histórica e os seus significados que vem refletindo rituais estereotipados (SOUSA, 1994).

É, portanto, nesse sentido que se entende a questão do gênero como uma luta geral que perpassa inclusive os interesses de classe e que são, infelizmente, levados para dentro das aulas de Educação Física que passaremos a observar nos itens seguintes.

É num espaço prático de ensino aprendizagem onde devemos oportunizar aos nossos alunos e para a comunidade em geral, um questionamento que vai desde a transmissão de valores e conceitos sexistas até a renovação dos modelos e as formas de como ensinar para que exista uma maior possibilidade de trocas entre homens e mulheres. Essas trocas podem ir desde a desmistificação dos papéis construídos socialmente até a simples compreensão do fazer juntos.

Tanto os professores como os alunos(as) sustentam as divisões de gênero nas aulas de Educação Física reforçando a feminilidade e a

masculinidade como excludentes entre si. Desde a introdução dos esportes na Educação Física escolar brasileira, as meninas sempre foram tidas como as frágeis e dóceis e os meninos como seres dotados de força, dominação e poder. Segundo SOUSA (1999), aos homens era permitido qualquer esporte e as meninas apenas as danças e a ginástica. Sendo assim, o homem que tentasse fazer qualquer atividade enfatizada como feminina era discriminado socialmente porque o mesmo era restrito às mulheres. As aulas de Educação Física sempre foram, e ainda são, separadas por sexo, ou seja, meninos com um professor(a) e meninas com outro(a). Tal prática, impossibilita aos alunos o aprofundamento das discussões acerca das questões de gênero, de poder, de saber, das desigualdades tão presentes na nossa sociedade.

Investigando as falas

Para este estudo fizeram parte professores de Educação Física que trabalham com as quintas séries de escolas da rede Pública Municipal de Florianópolis, do Ensino Fundamental totalizando na amostra sete professoras⁴ de sete Escolas da

⁴ Nas escolas sorteadas para a pesquisa, coincidentemente, trabalhavam somente professores do sexo feminino.

rede Pública Municipal. Foram utilizados como instrumento de coleta de dados a observação de uma aula em cada colégio, com posterior entrevista semi-estruturada com as professoras, com nove questões norteadoras que serviram de base para a entrevista.

Na busca dos objetivos que nortearam esta pesquisa, procurou-se descrever, interpretar e analisar os dados coletados, a partir das observações e das entrevistas semi-estruturadas, classificando-as em categorias, segundo as respostas obtidas das entrevistadas.

Tendo em vista que as questões que nortearam esta pesquisa tinham por objetivo analisar e refletir o que os professores da rede pública municipal de Florianópolis, mais precisamente professores que trabalham com as 5^{as} séries, pensam sobre as aulas co-educativas e/ou mistas e os demais aspectos que permeiam a mesma, procurou-se fazer um paralelo com as informações obtidas, que compuseram praticamente a mesma categoria para que desta forma facilitasse a análise e interpretação dos dados coletados.

Foram elencadas as seguintes categorias de análise:

- O olhar dos professores sobre a questão do gênero;
- A importância das aulas co-educativas;
- A relação afetiva menino/menina;
- A aceitação dos alunos em relação as aulas co-educativas;
- As dificuldades em ministrar aulas co-educativas.

O olhar dos professores sobre a questão do gênero na Educação Física das quintas séries do ensino fundamental: algumas reflexões...

Conceituando aulas co-educativas: de antemão algumas das professoras entrevistadas pensam que o assunto é de extrema importância uma vez que referimos a Educação Física escolar.

Uma das professoras entrevistadas não consegue associar a co-educação com Educação Física escolar dizendo que: "*aula co-educativa é aquela onde os alunos participam desde o planejamento,*

sabendo os objetivos, ou seja, porque ele está fazendo essa aula, a aula precisa ser educativa para o aluno e não simplesmente mais uma aula. É preciso haver toda uma fundamentação para depois ir para a prática”.

Percebe-se aí que o fato desta professora não saber conceituar aulas co-educativas pode estar associada ao fato de nunca ter lido, discutido, estudado o real significado de aulas co-educativas ou quem sabe por não aceitar ministrar aulas para meninos e meninas juntos. Esse posicionamento é comum se levado em conta a aula observada desta professora, onde a mesma colocou os meninos a jogarem futebol e as meninas a jogarem ping-pong. O professor precisa primeiro entender e saber o que é trabalhar com aulas co-educativas e também aceitar trabalhar com meninos e meninas juntos para que estas aulas tenham qualidade e um fundo pedagógico coerente com o que se almeja. Uma outra entrevistada diz: *“Eu não gosto de dar aulas mistas,⁵ mas, procuro fazê-la da melhor forma possível para que haja compreensão dos alunos”.* Pelo fato dessa professora não saber o real significado de aulas

co-educativas, acaba por negar a sua importância fazendo com que as diferenças entre meninos e meninas se acentuem ainda mais.

No entanto, com a introdução da co-educação em muitos países, ainda no século passado, a problemática da divisão entre os sexos foi atenuada. Porém, ainda hoje, existem em todo o Brasil professores e professoras que insistem em ministrar aulas e praticar a separação por sexo. Segundo SOUSA (1994) as mulheres, no século passado, eram consideradas como objeto empírico devido a discriminação existente entre as meninas e meninos. Isto pode ser percebido na fala de uma das entrevistadas onde afirma que *“não gosta de dar aula para meninos e meninas junto, porque é mais fácil trabalhar com os meninos, eles entendem mais o que, a gente pede e além disso prefere porque as crianças se adaptam melhor, eu consigo fazer um trabalho todo esquematizado, só para menino ou só para menina, tendo em vista que não é necessário haver aquele período de adaptação, não tem a fase do preconceito e eu consigo me organizar melhor*

⁵ Esta se refere a aulas mistas, pois, tem o entendimento do que é aula co-educativa mas, simplesmente ministra aula mista.

e as meninas principalmente preferem fazer sozinhas”.

O principal motivo que leva esta professora a preferir trabalhar com alunos separados parece ter sido as habilidades que cada sexo demonstra. Desta maneira, os alunos que não apresentam habilidades para determinados esportes geralmente são excluídos dos jogos e permanecem o resto da aula fazendo outras atividades. Não podemos classificar os alunos segundo habilidades desenvolvidas ou adquiridas e sim, dar oportunidades a todos para que adquiram maiores destrezas, fazendo com que aqueles que não tenham certas habilidades também venham a praticar os esportes.

Para as demais professoras entrevistadas as aulas co-educativas significam *a educação conjunta de meninos e meninas, havendo a necessidade de fazer uma interação com os mesmos, buscando fazer com que eles participem juntos e tenham a consciência do que é participar juntos e não aquilo de que um é melhor que o outro. São aquelas que permitem trabalhar a relação menino menina de maneira geral, ou seja, um aprendendo com o outro. O ato de co-educar não se restringe apenas*

a essa educação dos sexos em conjunto ela vai além disso. Estas, oferecem as mesmas oportunidades a ambos sem diferenciá-los, fazendo com que os alunos descubram o porquê dos objetivos propostos.

Para esclarecer este conceito, SARAIVA-KUNZ (1996, p.123) diz que: “a co-educação é aqui entendida como uma prática conjunta de meninos e meninas, rapazes e moças, homens e mulheres, desenvolvida numa prática pedagógica que tenha por base o sistema social em seu processo de auto entendimento e transformação e não como um sistema de relações estabelecidas desde e para sempre”.

A importância das aulas co-educativas: *para as professoras entrevistadas as aulas co-educativas: contribuem para um melhor relacionamento entre os meninos e meninas; une mais os alunos, proporcionando a organização das turmas; há um maior entendimento entre os alunos/as, acabando com as rivalidades existentes entre eles; desmistifica-se o velho ditado de que: meninas pra lá, meninos pra cá; tem-se a possibilidade de mostrar aos alunos que o mesmo esporte pode ser praticado tanto pelas meninas*

quanto pelos meninos; acaba com a rivalidade dos mais fortes sobre os mais fracos; organização das atividades, porque as meninas são mais organizadas e interessadas; visa a sociabilidade, respeito e disciplina; supera as dificuldades, principalmente a das meninas; acaba com o preconceito; acaba com a discriminação no sentido de que mulher não joga futebol e que meninos não fazem ginástica; os alunos têm maior consciência do que é fazer juntos; os meninos aprendem com as meninas e vice-versa.

Sendo assim, percebe-se que a Educação Física é sexista quando se limita a dar aos meninos/as atividades culturalmente relacionadas ao sexo, ou seja, menino não experimenta dança ou ginástica e menina não experimenta futebol, sendo assim, isso implicará no processo de ensino aprendizagem de valores, conhecimentos posturais e movimentos corporais específicos de cada sexo.

Quanto mais as crianças de ambos os sexos forem estimuladas desde cedo a experimentar a prática conjunta nas aulas de Educação Física, criticar, dar opiniões, adquirirem novos movimentos, além dos já aprendidos, mais elas desenvolverão as suas capacidades afetivas, motoras, cognitivas, expressivas, culturais, sociais e criativas. Junto a essas considerações, vejamos a fala de uma das professoras entrevistadas: *As aulas co-educativas são importantes porque unem mais os alunos e além de proporcionar a união tenta-se organizar as turmas, pois, o meu interesse em trabalhar com aulas mistas⁶ é justamente para que haja entendimento entre as meninas e os meninos para tirar a rivalidade existente entre eles acabando com essa história de meninos pra lá e meninas pra cá, achando que os meninos são mais fortes e que as meninas são mais fracas.*

Para uma das professoras entrevistadas é possível abordar nas aulas co-educativas os preconcei-

⁶ Esta tem entendimento de aulas co-educativas, salienta sua importância mas, não consegue diferenciar aula mista de aula co-educativa.

⁷ Para Feijó (1996) o preconceito é uma atitude negativa e estigmatizadora em relação a alguém ou contra alguma coisa, sendo o comportamento concreto discriminador e os elementos discriminatórios resultado do preconceito. O indivíduo porém, pode sustentar preconceitos a favor de alguém ou de um grupo, mas geralmente é usado como forma de estigmatizar ou discriminá-los. O preconceito possui um caráter avaliatório e uma das maneiras de alimentá-lo é formando estereótipos que constroem a possibilidade de avaliar.

tos⁷ referentes à atuação das mulheres no esporte e na sociedade enfatizando que os homens e as mulheres sejam vistos por igual. *É preciso que mostremos aos nossos alunos que através dos esportes, das atividades e do trabalho conjunto é possível que haja unidade entre eles, meninos e meninas.* “Todas as pessoas sejam elas homens ou mulheres, estão aptas a realizar determinada tarefa seja ela na área esportiva ou não, pois nos é dado o privilégio de vivermos em união⁸”. Outra entrevistada salienta que: *o relacionamento humano é que tem colocado empecilhos nas aulas e não propriamente o relacionamento professor/aluno ou aluno/aluno e quando há essa quebra não funciona.* As aulas co-educativas serviriam para a emancipação da mulher na sociedade e as ensinariam a superar as desigualdades ainda tão fortes no meio social, sem contar com a valorização de meninos e meninas no convívio social com a família e amigos.

Outra fala a ser comentada, remete-se ao fato do gostar em si, do sentir prazer em dar aulas co-educativas. *Eu gosto de trabalhar*

com aulas co-educativas, porque eu gosto muito dessa relação de menino e menina juntos, é muito rico, há uma troca de experiências fantásticas. Porque embora haja discussões isso é legal porque o professor pode descobrir os anseios e as sugestões de cada um. E acrescenta, as meninas têm uma visão diferente dos meninos, então esse tipo de discussão que envolve porque menina não joga futebol e porque menino não faz ginástica, é imprescindível para o bom relacionamento na aula de Educação Física. A partir dessas discussões abre-se margem para que também se discuta assuntos relacionados à sexualidade, aos papéis, porque se essas discussões acontecessem entre pessoas do mesmo sexo não iria tão além.

Para Abreu apud FERREIRA (1993):

A privação da possibilidade de discussão de conflitos e confrontos, comprovou que nas aulas separadas há uma ausência parcial de discussão e busca de soluções e que nas turmas mistas, dependendo do procedimento utilizado pelos docentes, criam oportunidades para que se

⁸ Grifos meus

discutam a discriminação e os estereótipos sociais. (p.113)

Uma das entrevistadas diz o seguinte, em relação às aulas co-educativas: *A gente aprende muito, era bem mais fácil, bem mais simples quando era separado porque o trabalho era direcionado, eu dava aula para os guris e eu sabia o que aquele grupo queria, e com as meninas era outro tipo de trabalho por exemplo: Educativos que eu dava para as meninas não precisava dar para os meninos, porque eles têm mais domínio, habilidades, mas já que o trabalho está sendo feito junto, muito bem. Aprendi no sentido em que tenho que ponderar as minhas aulas, coisa que antes eu não sabia fazer, estabelecer limites em função das intenções dos meninos e das meninas, os objetivos tiveram que ser ampliados, vindo a contribuir para uma boa aula.*

Para outra professora é importante que quando os meninos e meninas estão jogando juntos, é preciso que os meninos tratem as meninas por igual. *Nas minhas aulas quando os alunos/as vão jogar, eu peço aos meninos que coloquem muita força/potência principalmente nos saques (no caso do voleibol) porquê se for assim*

muito devagar as meninas não vão aprender jogar, então eu prefiro que os meninos joguem com as meninas porque assim vão medindo a força tanto das meninas quanto dos meninos considerados mais fracos, dessa forma se possibilita que as meninas aprendam a se defender e enfatiza um pouco mais o rendimento.

A prova disso é que em cinco das sete aulas observadas os professores deram enfoque ao jogo e a competição. As entrevistadas dizem que os meninos xingam muito as meninas, dizendo que elas não sabem jogar e são “molengas”. Em virtude disso, diz uma das entrevistadas: *o rendimento só fica prejudicado quando as meninas levam para um lado muito pessoal de agressão, e os meninos levam para o lado da competição, instigando que eles são os melhores no sentido de que algo aconteceu porque eles estavam presentes e aí sim complica quanto ao rendimento. O lado competitivo está muito arraigado na mente dos alunos.*

Somente em duas das sete aulas observadas é que os professores não deram enfoque a competição, usando para isso outras atividades que não o jogo. Uma delas foi

recreação para meninos e meninas e a outra ginástica, só para as meninas. Essas atitudes só vem reforçar que a Educação Física ainda visa a competição mesmo que de uma forma menos explícita. Normalmente, as aulas são ministradas em função do jogo, no entanto, esse jogo, que é mais um esporte, se espelha no modelo de alto nível, quase sempre é impregnado de regras, técnicas, pontos, ganhadores, entre outros.

Segundo PICCOLO (1995), para que a Educação Física faça parte do ato educativo, ela não pode ter uma ação pedagógica mecanizada, pois assim estaria estimulando a sua inexistência como prática no contexto social.

A relação afetiva menino/menina: segundo as entrevistadas é bem distinta, depende das turmas e das atividades propostas.

ALVES e PITANGUY (1982) dizem que: "O masculino e o feminino são manifestações culturais, e como tal, são comportamentos aprendidos através do processo de socialização que condiciona diferentemente os sexos para cumprirem funções sociais específicas e diversas. Essa

aprendizagem é um processo social" (p.55).

Existem alguns alunos/as que têm uma certa aversão pelo outro. *Atribuo isso a uma questão de personalidade. O relacionamento é bem distinto porque há meninas que não querem fazer nada e aí fica difícil para os meninos manterem o respeito com as mesmas. Fica complicado no sentido de que eles estão afim e elas não. Desta forma os meninos chamam-nas de molenga, paradas. diz uma das entrevistadas. Atribuo isso a um problema social diz outra entrevistada. Não é específico da Educação Física. Apesar dos problemas e dificuldades em serem trabalhados meninas e meninos juntos numa aula de Educação Física, o relacionamento afetivo de uma maneira geral é bom. Tem como trabalhar e fazer um trabalho muito bom. É só uma questão de tempo e paciência acrescenta outra entrevistada e mais, diz que a escola é uma das grandes responsáveis, ou seja, deve contribuir para um melhor relacionamento entre os alunos, devendo a mesma, observar suas diferenças culturais, cor, raça, sexo entre outras.*

Em determinadas atividades os alunos se tornam espontâneos. Para haver um relacionamento afetivo mais amigável *é preciso muito jeito em lidar com os alunos*, diz uma das entrevistadas e *acima de tudo o professor precisa ser amigo da turma. No começo eu achava complicado, que não iria dar certo mas, depois que a gente começa a conviver com os alunos se torna uma relação de afetividade muito legal entre aluno/professor*. Para uma outra entrevistada o relacionamento é normal porque *uma vez que eles estão/saem juntos da sala de aula, não há maldade entre eles, os meninos não sacaneiam as meninas, eles se respeitam e até ajudam as meninas*. E ainda acrescenta, *o relacionamento afetivo entre eles vem de fora, ou seja, o que ele/ela são fora da sala de aula ou numa quadra de esportes, eles serão na prática conjunta de esportes e dentro da sala de aula. Os garotos ficam representando o tempo todo, querendo aparecer que são os melhores. O relacionamento entre homens e mulheres só será positivo se o espírito de competição e rivalidade existente entre ambos for quebrado no sentido de que acabe também com as diferenças*, diz essa entrevistada.

Do ponto de vista do relacionamento afetivo menino/menina as entrevistas demonstram que é bastante diversificado se analisarmos as falas das entrevistadas. Enquanto umas dizem que é bom outras acham que não mas, nada impede que a aula flua. Esta entrevistada diz que *os maiores problemas se encontram nas 5^{as} séries em função da idade "eles se detestam". no sentido de que os meninos dizem que as meninas não sabem jogar, que não tem habilidade, que futebol é coisa para homem mas, salienta Isso não é uma regra, é exceção. De um modo geral o relacionamento é bom*.

Durante as aulas observadas, pode-se perceber que entre os alunos há muita reciprocidade, uma troca mútua de experiências, respeito e acima de tudo carinho, e esse carinho que nos referimos vem de ambos, meninos e meninas. Numa das aulas o que mais se pode notar é que os meninos que se consideravam mais experientes e habilidosos, ensinavam às meninas como chutar a bola, para qual direção e até mesmo qual o momento exato de fazê-lo. Os meninos não tratavam as meninas como sexo frágil, tanto é que havia algumas meninas que ditavam as regras, xingavam na mesma

proporção, mas o relacionamento é bom e dá certo, apesar de se xingarem.

Nesta mesma ocasião teve-se a oportunidade de conversar com um garoto que dizia: “É legal e divertido jogar com as meninas, a gente ri muito, as meninas gritam demais, até parece que são histéricas e a gente não joga só com o objetivo de ganhar e competir e sim para se divertir.”

Em relação a esta fala, pode-se dizer que são manifestações naturais/próprias do sexo feminino por se sentirem inseguras diante de tais circunstâncias e que precisam decidir, sobre chutar uma bola, quando, como, onde e o momento exato de realizá-lo.

A esse respeito uma das entrevistadas diz que: *A emoção de estar diante de tal situação, que aparentemente um menino deveria fazer ou é a ele determinado este papel, as fazem ficar desprotegidas e frágeis, havendo aí a necessidade de se expressar de forma direta ou indireta e isso conseqüentemente se faz através de expressões desse tipo.*

Pode-se ainda perceber que os meninos, em muitos momentos do jogo não passam a bola para as meninas com o intuito de agradá-las e sim pelo fato de se sentirem ameaçados com a presença das mesmas⁹. Meninos e meninas podem brincar juntos. As atividades tornam-se mais solidárias, pois as crianças se concentram nos movimentos uns dos outros, fazendo com que a convivência entre eles favoreça as diferenças, antes de torná-las uma separação pois, para FIAMONCINI & SARAIVA KUNZ (1998) os alunos (meninos e meninas) se tornam descobridores e inventores do seu movimento dando significado aos mesmos. Uma entrevistada diz que: *eu sempre falo aos alunos que não é para encarar tudo com muita seriedade quando se está fazendo uma atividade, o importante é se divertir, curtir, só assim o relacionamento entre eles será bom, é preciso menos regra e mais divertimento, porque senão acaba caindo na rivalidade e isso não é bom.*

Como se dá a aceitação dos alunos em relação as aulas co-educativas: os professores alegam

⁹ Ameaçados no sentido de que eles pudessem estar perdendo um espaço que antes era só deles e que agora tem que dividir com as meninas.

que os alunos fazem porque são obrigados; aceitam normalmente; outros, nem se deram conta de que agora tinha que ser junto; com as 5^{as} séries é mais difícil; precisa haver negociação; quando as atividades são extra-classes a aceitação é melhor.

Para melhor aceitação os professores precisam trazer para a Educação Física, inovações no sentido de que este seja um espaço possível para a construção individual e coletiva que não pode deixar de ser criativa. Precisa ser uma vivência de práticas corporais que pode predominar a ludicidade e desenvolver o poder de iniciativa dos alunos, caracterizando ações educativas e não, simplesmente, o jogar por jogar. Esta prática não permitirá que sejam eliminados os menos dotados, os sem habilidades e muito menos as meninas. Isto seria o esporte educação voltado para a prática conjunta de meninos e meninas em diferentes concepções, para que estas no desenrolar das atividades, pudessem vir a tona e serem discutidas pelos alunos. Uma outra entrevistada diz que após a implantação de aulas co-educativas no currículo escolar, os alunos nem se deram conta que a partir de então eles teriam que fazer aula juntos. *Eles nunca se deram*

conta de estar trabalhando diferente, a coisa foi sendo inserida de forma sutil, foi fluindo e até hoje está legal os alunos(as) acostumaram bem depressa. Outra entrevistada diz que os alunos nem questionam muito a questão do fazer juntos.

Quando indagada sobre esta mesma questão uma outra entrevistada, diz que os alunos *aceitam normalmente*, pois, ela acompanha esta turma desde o primário e sempre foi trabalhando com os alunos esta hipótese de que quando chegassem à 5^a série seria assim, mesmo que nessa série se dá iniciação aos esportes de competição.

Faz-se necessário realizar um breve comentário a respeito dessa última fala, sobre alguns equívocos relacionados a esta entrevistada. A mesma diz que os seus alunos são preparados desde cedo que quando chegarem a 5^a série teriam aula juntos, menina com menino, no entanto, esta mesma entrevistada não soube conceituar aulas co-educativas e na ocasião da observação de uma aula sua, a mesma simplesmente colocou os meninos para jogar futebol e as meninas para jogar ping-pong.

Outro fato interessante que cabe aqui ressaltar é o seguinte: em uma outra escola os meninos ficaram longe dos olhares da professora enquanto a mesma ministrava aula de ginástica para as meninas dentro da sala de aula. A maioria dos meninos que teriam que estar jogando futebol não o fizeram e sim, estavam na janela espiando/observando as meninas que estavam fazendo ginástica.

Outra fala que cabe ainda ressaltar, que em uma das observações uma professora relata: *Educação Física é isso mesmo, tem que dar jogo e pronto. É só o que eles querem.* E ainda diz que, em uma das escolas em que trabalhou, tentou fazer algo diferente com os alunos, atividades que envolviam mais os alunos. No entanto, os demais professores das outras disciplinas falavam e achavam ruim, pois, os alunos se empolgavam com as brincadeiras e acabavam tumultuando as demais aulas. Em virtude disso ressalta, *fui chamada a atenção por provocar desordem nas demais disciplinas.*

Colocar os meninos para jogar futebol só para dizer que os mesmos estão se movimentando, não significa dizer que é aula de Educação Física, pois, se formos

levar em conta que os objetivos da mesma é o lúdico, a integração e a sociabilidade enquanto prática pedagógica, aí não haveria a necessidade de se ter aula de Educação Física. Isto as crianças, principalmente, os meninos fazem todos os dias em qualquer lugar.

Ao mesmo tempo que analisamos a aula, nos perguntamos: que aula de Educação Física será esta? Até que ponto os professores de Educação Física se preocupam com o ensino aprendizagem dos seus alunos?

Para refletir sobre esse assunto faz-se necessário atentarmos para o que nos diz CARDOSO (1998) “A transformação do agir pedagógico na Educação Física escolar torna-se necessária quando a intenção é propor mudanças”.(p.122)

O papel que a Educação Física deveria exercer junto à comunidade escolar, mais precisamente com os alunos(as), seria o de formar um aluno pensante, crítico, reflexivo e ativo ensinando-o desta forma a se conhecer e a auto dominar-se, levando-o a educar-se por meio de uma educação normal através de atividades físicas lúdicas e esportivas.

Ressalta-se, dessa forma, que a Educação Física ao trabalhar com

o movimento humano dentro das diversas formas em que se apresenta, deve dar enfoque a um movimento que vá além, ou seja, que individual ou coletivamente vá levando o aluno a ter uma condição de participação e transformação no contexto onde está inserido.

Das dificuldades em ministrar aulas co-educativas: As professoras entrevistadas se detêm em alguns aspectos importantes tais como: diferença de idade; em todas as disciplinas há problemas; ministrar aula de ginástica e expressão corporal para os meninos; trabalhar com liberdade de movimentos; meninos e meninas têm interesses e anseios diferenciados.

Nas atividades que envolvem contato físico, há resistência maior por parte dos meninos. Existe também o fator vergonha e a inibição presente na conduta dos alunos, dando margem para que o preconceito se acentue ainda mais, estes, interiorizam valores e modelos de comportamentos sociais que interpretam o comportamento dos alunos. Já as meninas aceitam fazer as atividades culturalmente masculinas, com mais facilidade porque elas têm a possibilidade e a chance de aprender com os meninos, estas expressam seus sentimentos com mais disposição.

Trabalhar com liberdade de movimentos, com o lúdico e com o desenvolvimento das características afetivas, criativas, reflexivas, motoras, sociais, culturais e cognitivas das crianças, também se torna dificultoso para os professores. A resposta mais evidente foi que encontram dificuldades em ministrar aulas de ginástica e expressão corporal. Porque os meninos acham que é coisa de menina, pois o conhecimento que eles têm de ginástica e de expressão corporal é que estas vão deixá-los afeminados. *Meninas aceitam mais, os meninos têm vergonha*, diz uma das entrevistadas.

Num dia de chuva tentei fazer uma vivência de expressão corporal e foi complicado, os alunos ficavam rindo. Eu sinto que é mais complicado partir para esse campo da expressão corporal do que para atividades ligadas ao esporte que não visam muito o contato corporal. No entanto, teve um momento em que os alunos me surpreenderam. Pedi para eles fazerem duplas e eles fizeram menina com menino, e ainda ficaram dizendo que não iriam tocar em meninas/os. Foi uma coisa espontânea, e salienta, essa espontaneidade só se consegue com muito jeito e tem espaço para isso.

A forte resistência dos alunos/as pegarem a mão um do outro segundo SARAIVA-KUNZ (1999), interioriza valores e modelos de comportamentos sociais que interpretam o comportamento dos alunos.

Entre este e outros relatos das entrevistadas a vergonha e a inibição estão presentes na conduta dos alunos, dando margem para que os preconceitos se acentuem ainda mais em relação à ginástica. A mulher por ter mais oportunidade (construídas ao longo de sua história) de expressar seus sentimentos, sensibilidade apresenta-se mais disponível à atividade como a ginástica, já os meninos, por serem repreendidos desde a sua infância, internalizaram e identificaram seus comportamentos, valores e atitudes.

A maior dificuldade que os professores de Educação Física encontram é trabalhar com a liberdade de movimento, com o lúdico e com o desenvolvimento das características afetivas, criativas, reflexivas, motoras, sociais, culturais e cognitivas das crianças.

Para esclarecer melhor o quanto os professores sentem dificuldades, faz-se necessário que atentemos para alguns detalhes percebidos

durante as observações de algumas aulas ministradas nas Quintas séries da rede Pública Municipal de Florianópolis, onde em cinco das sete aulas observadas foram enfatizados os esportes, futebol e/ou voleibol e em momento algum os professores optaram por atividades mais lúdicas e recreativas, justamente para desenvolver as características acima citadas. As professoras alegam que são os alunos que escolhem os esportes.

Conseqüentemente a escola, através da Educação Física, acaba por reforçar estereótipos, gerando grandes dificuldades na prática da ginástica, dança e expressão corporal, tornando os esportes caracterizados como para os homens parecendo ser menos acessíveis as mulheres provocando o confronto dos diferentes papéis sociais

Considerações finais

As aulas co-educativas, na compreensão dos professores possuem, uma importância até certo ponto relevante, mesmo considerando as dificuldades que envolvem esta “prática”. Percebendo-se pelas entrevistas que estão ainda longe de ministrar aulas co-

educativas. Na verdade, constata-se a existência de aulas mistas. A experiência de co-educação nas escolas Públicas Municipais de Florianópolis, se dá por razões econômico – administrativas com o intuito de redução de quadro de professores do que para uma mudança no processo pedagógico. As aulas co-educativas devem ser perseguidas pelos professores e não impostas.

As aulas co-educativas devem contribuir para o desenvolvimento integral das crianças, ou seja, prepará-las para entender o porquê de trabalharem juntos, levando-as a relacionar-se com os outros, consigo mesmas e com o mundo. Desta forma, problematizar o sentido das relações estabelecidas entre meninos e meninas, procurando entender as verdadeiras diferenças e igualdades entre os mesmos, para que possam socializar-se de maneira a atingir o conhecimento necessário para agir com estas diferenças.

Cabe à escola proporcionar a meninos e meninas a oportunidade de aprenderem a conviver, descobrirem-se entre si, compreenderem suas diferenças, sem que haja discriminação entre ambos, procurando sempre desenvolver o respeito mútuo, considerando suas

características em todas as dimensões de modo a construir um repertório amplo, vivenciando os movimentos numa multiplicidade de situações.

Assim, buscar discutir questões do gênero nas aulas de Educação Física é também buscar compreender todas as possibilidades desta disciplina no desenvolvimento cognitivo, cultural, social, motor, expressivo, moral, criativo, reflexivo e afetivo da criança em idade escolar de forma significativa e concreta.

Referências bibliográficas

ABREU, Neíse Gaudencio. Meninos pra cá, meninas pra lá, In: FERREIRA, Amarílio Neto. *Ensino e avaliação em educação física*. São Paulo: Ibrasa, 1993.

ALVES, Branca Maria & PITANGUI, Jacqueline. *O que é feminismo*. Coleção primeiros passos. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.

BRODTMAM, Dieter e KÜGELMANN, Claudia. Sportunterricht und schulsport. In: SARAIVA KUNZ, Maria do Carmo. *Co-Educação física e esportes: quando a diferença é mito*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1999.

CARDOSO, Carlos Luiz. Concepção de aulas abertas. In: KUNZ, Elenor (org.) *Didática da Educação Física I*. Ijuí: Ed Unijuí, 1998.

FEIJÓ, M.G. *A dança como conteúdo integrante da educação física escolar enquanto corporeificação do mundo sensível*. (Dissertação de Mestrado, Curso de Pós Graduação em Ciências do movimento Humano da Universidade Federal de Santa Maria). Santa Maria-RS, 1996.

FIAMONCINI, Luciana. & SARAIVA KUNZ. Maria do Carmo Dança na Escola: a criação e co-educação em pauta. In: KUNZ, Elenor (org.) *Didática da Educação Física*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1998.

LOURO, Guacira L. Gênero, sexualidade e educação. In: FRAGA, Branco Alex *Educação física e fronteiras de gênero: enunciados de um cotidiano escolar*, 1997 (mimeo).

PICCOLO, Vilma L. Nista. *Educação física escolar: Ser ... ou não ter?* São Paulo: Ed. da Unicamp, 1995.

SARAIVA-KUNZ, *Co-Educação física e esportes: quando a diferença é mito*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1999.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: SOUSA, Eustáquia Salvadora & VAGO, Tarcísio Mauro (orgs.) *Trilhas & Partilhas. Educação física na cultura escolar e nas práticas sociais* Belo Horizonte: Cultura, 1997.

SCOTT, Joan. "Gênero: Uma categoria útil de análise histórica" In: *Revista Educação e Realidade*. v. 20 n. 2. Jul/Dez, 1995, p.71-99.

SOUSA, Eustáquia Salvadora *Meninos, À Marcha! Meninas, À Sombra!* (Tese de Doutorado da Faculdade de Educação de Campinas). São Paulo, 1994.

